

OTITE EXTERNA EM CÃES: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

DE FIGUEIREDO, Maria Francieli¹
WEBER, Laís Dayane²

RESUMO

A Otite Externa (OE) é uma doença multifatorial muito comum na rotina das clínicas médicas veterinárias, acometendo cães das mais diversas raças e idades, sendo recorrente a reincidência desses animais pela doença. Neste sentido, o diagnóstico realizado pelo médico veterinário pode-se valer da avaliação física em conjunto a exames complementares, que são de grande importância para verificar qual é o tipo de bactéria ou fungo que está presente no conduto auditivo, buscando realizar tratamentos efetivos para esses animais, minimizando o retorno da OE. Nesta perspectiva, objetivou-se expor as contribuições do médico veterinário para o tratamento e prevenção da OE em cães, bem como descrever a fisiologia do conduto auditivo canino e evidenciar os fatores primários e predisponentes para a ocorrência dessa doença. Através da metodologia de revisão bibliográfica, foram selecionados 10 artigos disponibilizados em plataformas de busca científica, entre o período de 2014 a 2020. Verificou-se que a atuação do médico veterinário no diagnóstico e tratamento da OE é de grande importância e deve estar atrelado ao diálogo com o tutor, que por sua vez deverá contribuir para o tratamento do animal de forma efetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Médico Veterinário. Fatores primários. Fatores predisponentes. Conduto auditivo canino. Tratamento.

1. INTRODUÇÃO

Sendo considerada como uma afecção multifatorial pela comunidade científica e por profissionais da área de medicina veterinária, a Otite Externa (OE) é reconhecida como uma das principais otopatias entre os animais de companhia, cujo acometimento não está relacionado à idade ou raça dos animais (LUSA; AMARAL, 2010).

De acordo com Sampaio (2014), essa doença afeta cerca de 5% a 20% da população canina, ou seja, é percebida nas clínicas médicas como uma infecção comum. Geralmente, ocorre devido ao fato de haver uma má aeração nos condutos auditivos, o que gera um ambiente propício – denominado microclima- para a proliferação de bactérias causadoras da OE, mas não se restringe somente à esse fator.

Neste sentido, é de extrema importância compreender quais são as motivações dessa patologia e os principais fatores que levam à recorrência dessa inflamação. Para tanto, o profissional médico veterinário atua no tratamento da doença, sendo uma peça importante também na compreensão das motivações e alternativas viáveis para a intervenção médica, considerando as especificidades de cada animal (FONTOURA *et al*, 2014).

Deste modo, objetivou-se evidenciar de que forma o Médico Veterinário pode auxiliar no tratamento e na prevenção da OE em cães, ao passo que buscou-se também descrever a fisiologia do

¹ Acadêmica do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: mffigueiredo@minha.fag.edu.br.

² Médica Veterinária, Mestre em conservação e manejo de recursos naturais. Professora do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, do curso de Medicina Veterinária. E-mail: laisweber@fag.edu.br

conduto auditivo dos cães, explicitar quais são os fatores primários e predisponentes que acarretam a OE e apresentar as possibilidades de tratamento para a OE conforme literatura especializada.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia designada para a construção do arcabouço teórico deste estudo foi a revisão sistemática qualitativa de cunho descritivo-exploratório, cuja principal finalidade versou compreender as motivações causadoras da OE em cães, além de observar quais são as formas viabilizadas de tratamento para essa patologia, por intermédio de literatura especializada.

Visando selecionar a literatura especializada inerente à temática desenvolvida, viabilizou-se uma amostragem de materiais disponibilizados na internet, em bibliotecas virtuais e revistas científicas devidamente reconhecidas, em relação ao tema explorado, a partir de critérios específicos. As palavras-chave utilizadas na busca foram: Otite externa em cães, fatores predisponentes de otite externa, tratamento para otite externa, profilaxia para otite externa e otopatias em cães.

As fontes utilizadas para a busca de materiais acerca da otite externa foram as plataformas online de busca: Scielo, Biblioteca Virtual em Saúde e Google Acadêmico.

Foram selecionadas 10 publicações coletadas para a revisão sistemática, retirados das fontes supracitadas, datados entre o período 2014-2020. Outrossim, trata-se de publicações em revistas científicas, monografias de graduação e dissertações de mestrado da área de Medicina Veterinária. Ambas se caracterizam por tratarem acerca da OE, evidenciando os fatores de ocorrência da afecção bem como suas respectivas estratégias e possibilidades de tratamento.

3. ANÁLISES E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A OTITE EXTERNA

A otite externa (OE) pode ser considerada como uma patologia que acomete grande parte dos cães, a partir de fatores que independem de raça e idade. Evidencia-se que tal doença é comum sobretudo em clínicas médicas de animais de companhia, sendo analisada enquanto uma afecção que conta com vários fatores que se dividem entre primários ou predisponentes (LUSA; AMARAL, 2010).

Linzmeier *et al* (2009) verificam que essa inflamação é classificada como uma das mais comuns e recorrentes nas clínicas veterinárias que tratam pequenos animais. Contudo, é de suma importância que os profissionais se atentem aos sinais explicitados pelos animais, a fim de que não ocorram

complicações graves, levando até mesmo à total perda auditiva dos animais. Os autores supracitados ainda complementam que, tal doença também pode manifestar-se em felinos.

Deste modo, Teixeira *et al* (2019, p. 1695) assevera que a OE se trata de uma inflamação que ocorre no “conduto auditivo externo, podendo ocorrer de forma aguda ou crônica, e afetar parcialmente ou totalmente o epitélio do conduto, incluindo as estruturas anatômicas do pavilhão auricular”. Linzmeier, Endo e Lot (2009) complementam que essa doença acaba circundando a parte mais próxima do pavilhão da orelha do animal, também denominada como pina.

Alguns dos sintomas clínicos a respeito da OE, podem ser: eritema, prurido, otalgia, cerúmen em excesso (FONTOURA *et al*, 2014, p. 01). Os autores ainda complementam que essa patologia pode ser diagnosticada através da anamnese e de exames clínicos gerais e específicos. A otite, para os autores supracitados, destaca-se em meio às demais otopatias, por conta de sua frequência, podendo estar ou não concatenada a organismos causadores de infecções.

Nesta perspectiva, é importante destacar quais são os fatores primários e predisponentes para a ocorrência dessa afecção.

3.2 FATORES PRIMÁRIOS

De acordo com Fontoura *et al* (2014) são considerados como fatores primários para a decorrência da OE, todas as possíveis causas da inflamação. Campos (2011, p. 12) assevera que podem ser causadores “distúrbios de hipersensibilidade, farmacodermia, corpos estranhos, ectoparasitas, disqueratose, distúrbios das glândulas sebáceas, doenças auto-imunes, lúpus eritematoso sistêmico e cutâneo e endocrinopatias”.

Ademais, Oliveira (2004) evidencia como fator primário a ocorrência de tumores ou pólipos auriculares. Contudo, para a autora, percebe-se que o fator de maior incidência para a afecção da OE são os distúrbios da hipersensibilidade. Outrossim, faz-se importante destacar que a região que compreende a parte cutânea externa do ouvido animal faz parte da área pruriginosa, sendo que grande parte das infecções podem vir a se manifestar nessa região durante a vida do animal. Para Sampaio (2014) as manifestações de hipersensibilidade que mais ocorrem são dermatite atópica, reações adversas aos alimentos e reações medicamentosas.

Neste sentido, é viável destacar a ação dos parasitas enquanto fatores primários, uma vez que tais organismos favorecem a criação de um ambiente propício à OE e seus fatores que acarretam na reincidência da patologia. Dentre os parasitas mais comuns na ocorrência dessa doença, destacam-se: *Otodectes cynotis*, *Demodex canis*, *Sarcoptes scabiei*, Moscas (*Stomoxys calcitrans*), Carrapatos (*Otobius megnini*) e Pulgas (*Echidnophaga galinacea* e *Spilopsylla cuniculi*) (SAMPAIO, 2014, p.

20). Oliveira (2004) complementa o exposto por Sampaio (2014), evidenciando que o ácaro *Otodectes cynotis* representa expressivamente a ocorrência da afecção em pelos menos 10% dos cães que apresentam essa patologia.

Sampaio (2014) também salienta alguns corpos estranhos que frequentemente são encontrados no conduto auditivo de cães, que marcam a maior incidência da OE. São, principalmente: pelos, medicamentos ou secreções decorrentes da aplicação medicamentosa que acarreta sujidade, plantas (galhos, pequenas folhas) e areia decorrente da interação do animal com o meio. Custódio (2019) explica que grande parte dos animais em que essa situação é observada são animais de caça ou que são ainda muito jovens. Essa ocorrência deve, especificamente, demandar um maior cuidado por parte do profissional, pois causa desconforto extremo nos animais.

Na interpretação de Custódio (2019) também podem ser atenuadores da OE o trauma do conduto auditivo do animal, gerado por algum fator externo. O autor exemplifica esse fator com a utilização de hastes flexíveis com algodão para a higienização, explicando que tal material possui componentes sintéticos que podem ser prejudiciais para o epitélio canino, lesionando a camada basal de queratinócitos, o que pode engendrar uma lesão. Tal ferimento expõe elementos da derme à bactérias e outros fatores que naturalmente já estão presentes na orelha do animal, acarretando na afecção.

3.3 FATORES PREDISPOONENTES

Diferentemente dos fatores primários, que são concebidos enquanto aspectos que naturalmente podem vir a desencadear uma OE, os fatores predisponentes são as principais causas de alteração sobre o microclima habitual do conduto auditivo, o que pode vir a fazer com que essa região esteja mais sensível à ocorrência de OE e demais infecções cujos causadores são bactérias ou fungos. Entretanto, é necessário justificar que apenas os fatores predisponentes não são capazes de causar uma afecção, contudo, conjuntamente aos fatores primários, essa possibilidade é ampliada (SAMPAIO, 2014).

Para Lusa e Amaral (2010) algumas espécies caninas como Poodle e Cocker Spaniels possuem maior suscetibilidade de desenvolver a otite, através de fatores predisponentes que podem ser a excessividade de pêlos no canal auditivo externo dos animais. Outrossim, destacado pelos autores, fatores influentes no desenvolvimento dessa patologia podem estar ligados à alterações climáticas - como a umidade, por exemplo - além da limpeza excessiva ou pouco frequente, excesso de banhos e até mesmo a natação.

Campos (2011) complementa que, em potencial, também se evidencia o excesso de produção de cerúmen nos cães, traumas ocorridos por exposição – não tratados conforme indicação médica – além de tumores e pólipos. Nas palavras da autora: “Essas alterações anatômicas e fisiológicas criam climas favoráveis para a proliferação de microrganismos infecciosos. Altas temperaturas, umidade, grandes quantidades de substrato favorecem o crescimento de bactérias e leveduras” (CAMPOS, 2011, p. 13).

Neste sentido, alguns autores também salientam sobre a umidade ser um fator predisponente, o fato de que há a alteração do pH do epitélio do conduto auditivo, devendo este estar concentrado em porcentagens entre 4,6 e 7,2. Contudo, nota-se uma relativa alcalinização do pH em casos de otite, o que acarreta um potencial desenvolvimento de bactérias e fungos que favorecem-se deste ambiente desregulado (FONTOURA *et al*, 2014).

3.4 CONDUTO AUDITIVO DOS CÃES

De maneira geral, pode-se dizer que a função primordial do ouvido consiste em converter as ondas sonoras em estímulos neurais para que o sistema nervoso interprete, além de operar sobre o controle de equilíbrio, que ocorre através do ouvido interno (FONTOURA *et al*, 2014). Neste sentido, faz-se necessário compreender brevemente a morfofisiologia da orelha canina, a fim de que seja viável compreender a OE.

Primeiramente, é importante destacar que, de acordo com Fontoura *et al* (2014, p. 02) as orelhas caninas podem ser diversas e a constituição de seus pavilhões externos podem possuir especificidades de acordo com a anatomia de cada animal. Esses pavilhões podem ser “pendulares, semi-pendulares ou eretos”, e essa constituição anatômica pode ser uma das implicações dessa patologia.

Mueller (2009) explicita que as orelhas caninas estão divididas entre três principais porções, que se interligam e possuem atribuições particulares, sendo a orelha externa, a orelha média e a orelha interna.

A orelha externa é composta por duas cartilagens e um canal ósseo, sendo dividida entre pavilhão auricular e meato acústico externo, cujas principais funções são captar as ondas sonoras. De acordo com Mueller (2009, p. 17) “essas estruturas são revestidas por pele que normalmente é uma superfície lisa, com epiderme fina, derme e com anexos, glândulas sebáceas e apócrinas”. A orelha média, em contrapartida, tem sua formação composta por membrana timpânica, ossículos, tuba auditiva e cavidade timpânica, cujo principal objetivo é transpassar as ondas sonoras para uma forma líquida. Finalmente, a orelha interna é constituída por cóclea, vestíbulo e canais semicirculares, possibilitando a interpretação sonora.

3.5 TRATAMENTO E PROFILAXIA PARA A OTITE EXTERNA EM CÃES

É possível perceber que a OE se trata de uma afecção comum nos contextos das clínicas médicas veterinárias que atendem animais de companhia. Contudo, faz-se imprescindível a atuação do profissional de medicina veterinária, uma vez que casos não tratados podem levar a sérias consequências para o animal. Ademais, o tratamento dos cães ocorrerá de acordo com as especificidades de cada paciente, considerando aspectos como o desenvolvimento da patologia, anatomia, fatores predisponentes, entre outros (LINZMEIER; ENDO; LOT, 2009).

Inicialmente, para que seja possível realizar um diagnóstico preciso, Lusa e Amaral (2010) elencam como essenciais para este processo a utilização de exames físicos e dermatológicos, podendo ser complementados com o exame otoscópico, que possibilita a visualização de todo o conteúdo do conduto auditivo canino, englobando a área do tímpano.

Também é importante que os profissionais se atentem aos sinais clínicos apresentados pelo paciente. Teixeira (2019) explicita a importância da realização da anamnese detalhada. Em casos cuja principal hipótese é a incidência de bactérias, recomenda-se a citologia auricular, antibiograma e testes de cultura, a fim de comprovar qual é a real causa da afecção. Outrossim, se através dos exames supracitados o profissional consegue perceber alteração da membrana timpânica, aconselha-se a realização de biopsia ou radiografia da região.

Ademais, no exame otoscópico deve observar-se a presença de parasitas, grau de inflamação, tamanho dos canais auditivos, quantidade e natureza do exsudato, alterações proliferativas e aparência da membrana timpânica (CAMPOS, 2011, p. 14). Essa análise é importante pois reconhece um ponto inicial para a viabilização do tratamento baseado na presença ou não de microrganismos. Essa assistência é importante devido ao fato de que, com o passar do tempo, algumas bactérias e fungos vêm demonstrando certa resistência ao uso de terapias medicamentosas (CAMPOS, 2011).

Na percepção de Campos (2011) embora a OE não seja uma patologia de grandes ameaças à vivência dos animais, ainda assim demonstra ser uma doença dolorosa, pela qual os pacientes podem passar por desconfortos até que o diagnóstico correto seja realizado, devido à multiplicidade de fatores que acarretam nessa afecção. Por isso, é de extrema importância que o real causador do problema seja diagnosticado com clareza, para que o tratamento seja iniciado precocemente.

De maneira geral, os principais medicamentos utilizados para o tratamento dessa patologia incluem glicocorticóides combinados com antifúngicos, antibióticos e anti-inflamatórios, em casos de inflamações crônicas ou médias. Contudo, como alertado por Sampaio (2014), é essencial que haja a análise dos sinais apresentados pelos pacientes, considerando as especificidades de sua inflamação, devendo ser considerados os testes de cultura e de sensibilidade.

Fontoura *et al* (2014) destacam como uma possibilidade de tratamento a limpeza do conduto auditivo, realizada por profissionais veterinários habilitados, juntamente com ceruminolíticos aplicados anteriormente à fármacos, que auxiliam na recuperação desta patologia, diminuindo o desconforto e a característica fétida do ouvido acometido.

Contudo, caso a recuperação não seja proporcionada através do tratamento medicamentoso, recomenda-se o tratamento cirúrgico, cuja intervenção mais frequente para a OE é a ressecção do canal auditivo. Nas palavras de Lusa e Amaral (2010, p. 07) esse procedimento é recomendado “para pacientes com hiperplasia mínima do epitélio do canal auditivo ou lesões neoplásicas pequenas da face lateral do canal vertical”. De todo modo, os casos devem ser avaliados pelo médico veterinário que verificará a (im)possibilidade de intervenção cirúrgica.

Nesta perspectiva, evidenciou-se a partir da Tabela 1 os principais achados dos artigos científicos selecionados para a construção deste arcabouço teórico.

Tabela 1 – Principais achados da literatura especializada

Autor(es)	Identificação do artigo	Metodologia adotada	Principais resultados
Ferraz <i>et al</i> (2021)	Etiologia microbiana e perfil de resistência bacteriana <i>in vitro</i> em otites externas de cães: estudo retrospectivo em animais atendidos na rotina de hospital veterinário (2013 a 2020)	Estudo retrospectivo	A pesquisa dos autores ressalta a recorrência da OE em cães, sendo que 93,6% das amostras analisadas apontam para o isolamento de microrganismos, dentre os quais são mais presentes bactérias, leveduras e raramente infecções mistas, sendo uma doença extremamente comum na rotina clínica de hospitais veterinários. As bactérias mais frequentes nas análises foram "Staphylococcus spp., Streptococcus spp., Pseudomonas spp., P. mirabilis e Escherichia coli" (2021, p. 9). Em relação aos antimicrobianos, verificou-se que grande parte dos pacientes teve resistência ao tratamento com sulfametoxazol associado ao trimetoprim e cefalexina. Os autores expuseram a importância de análises acuradas das culturas para que seja possível a prescrição de um tratamento

Machado <i>et al</i> (2014)	Importância do correto diagnóstico e tratamento para otite externa em cães: relato de caso	Estudo de caso com abordagem descritiva	mais eficaz bem como a diminuição da ocorrência de resistência bacteriana. A partir da anamnese de uma queixa canina, constatou-se a presença de OE bilateral, cujos principais sintomas eram prurido, otalgia e demasiada movimentação da cabeça pelo animal, devido ao desconforto gerado pela patologia. A partir do exame clínico, constatou-se a presença da <i>Malassezia pachydermatis</i>. Constatou-se a importância dos exames físicos atrelados aos clínicos para a descoberta das reais causas da doença no animal, evitando complicações recorrentes, que podem gerar resistência microbiana. Recomendou-se o tratamento do animal com soluções de betametasona, cetoconazol e gentamicina, pelo período de 10 dias, cuja evolução do paciente foi perceptível.
Teixeira <i>et al</i> (2019)	Diagnóstico citológico de otite externa em cães	Pesquisa quantitativa de cunho descritivo	Evidenciou-se infecções causadas por motivações fúngicas, bacterianas e em menor quantidade, mistas, com presença de <i>Malassezia spp.</i> observada por exame citológico. Os autores evidenciaram a presença de células inflamatórias que possibilitam diagnosticar a infecção bem como evidenciar o crescimento rápido em curto período das bactérias. A relevância do exame citológico para estes quadros é a possibilidade de utilização do médico veterinário para um diagnóstico mais preciso e certo, possibilitando a melhor intervenção para melhora do paciente acometido pela OE.

Silva (2020)	Otite externa e média em cães: revisão de literatura	Revisão sistemática de literatura	A autora esclarece que a OE é muito comum no cotidiano das clínicas veterinárias e pode ser decorrente de fatores como alergias, alterações anatômicas do animal, neoplasias, parasitas, fungos e bactérias. Reiterou-se através do estudo a importância do exame físico atrelado aos exames laboratoriais, de modo a diagnosticar a real causa da ocorrência de OE, tratando-o integralmente. Os casos que não apresentam evolução por tratamento não invasivo, necessitam de intervenções cirúrgicas, embora este seja o último recurso a ser aplicado, devendo o médico veterinário realizar um trabalho multidisciplinar, evidenciando ao tutor os riscos da doença e enfatizando a necessidade do tratamento, bem como recomendando protocolos efetivos para a melhora do paciente.
Amorim (2020)	Otite externa: um relato de caso em um cão	Estudo de caso com abordagem descritiva	A autora disserta que a OE é uma doença multifatorial, sendo de responsabilidade do médico veterinário realizar protocolos para o tratamento eficazes, atrelando o exame físico e complementares. Além disso, é essencial que os tutores sejam conscientizados, pois apesar de ser uma doença muito frequente, o tratamento inadequado ou mesmo o não tratamento podem acarretar complicações para o animal, sendo fundamental a realização dos tratamentos indicados pelo profissional à risca.
Carvalho (2017)	Etiologia e resistência de bactérias isoladas de otite externa em cães	Estudo transversal descritivo de abordagem quantitativa	Neste estudo, não foi possível constatar prevalência da OE entre animais fêmeas ou machos, sendo um estudo

- equilibrado ao evidenciar que ambos são acometidos pela doença. Os principais sinais clínicos apresentados pelos animais foram algia ao toque na orelha, secreção, e descamação do epitélio. Das 140 amostras analisadas, no exame citológico 131 demonstraram crescimento bacteriano e pouco mais da metade dos animais participantes (65,71%) já eram reincidentes no tratamento à OE. Verificou-se que grande parte das bactérias isoladas apresentaram perfis diferentes, reiterando a importância de análise antes da prescrição de tratamento, como forma de minimizar casos crônicos da doença.
- Custódio (2019) Otite externa em cães: Revisão sistemática
revisão de literatura de literatura
- A autora expõe que para além do tratamento e diagnóstico promovido pelo médico veterinário, é fundamental a conscientização do tutor do animal, que será peça-chave para a recuperação dele. Embora trate-se de uma afecção bastante comum, ainda assim é importante o tratamento correto, seguindo todas as recomendações e não valendo-se dos medicamentos apenas até o alívio da dor, pois trata-se de um processo, que quando não seguido traz consequências não positivas para o animal, que tende a sofrer reiteradas vezes com a OE. Além disso, a comprovação e o estudo da motivação bacteriana e/ou fúngica deve ocorrer através de exames, que propiciem a tomada de decisões pelo médico, expondo um protocolo de tratamento mais eficiente para cada caso.

Fonseca (2018)

Pesquisa descritiva de abordagem quantitativa

A pesquisa expôs que a maior quantidade de animais afetados pela OE eram adultos, possuintes de pavilhão auricular pendular da raça Labrador Retriever, motivados por questões alérgicas. Parte dos pacientes já apresentavam quadros recorrentes da doença. Dentre os agentes secundários verificados por meio de análise citológica, teve-se a presença do *Staphylococcus* spp., *Malassezia* spp., *Proteus* spp. e *Pseudomonas* spp. sendo que este último apresentou relativa resistência aos antibióticos. Por sua vez, a classe mais eficaz de antibióticos para o tratamento da OE foi a dos aminoglicosídeos com destaque para a gentamicina. No estudo da autora, explicitou-se uma preocupação referente as condições financeiras dos tutores, sendo possível diagnosticar e tratar a OE apenas por meio de exames citológicos, com a intenção de minimizar os custos pois os demais exames apresentam um valor mais elevado, o que acaba fazendo com que muitos tutores não tratem seus animais corretamente pelo fato de não possuírem condições financeiras para tal. Os autores explicam que a OE, por ser uma doença multifatorial, pode apresentar sintomas que as vezes não são notados pelos profissionais e pelos tutores, fazendo com que os quadros sejam agravados, como por exemplo o cerúmen excessivo, prurido, eritema, entre outros. Para

Fontoura *et al* (2014)

Otite Externa em pequenos animais: Revisão sistemática de literatura
revisão de literatura

Os autores explicam que a OE, por ser uma doença multifatorial, pode apresentar sintomas que as vezes não são notados pelos profissionais e pelos tutores, fazendo com que os quadros sejam agravados, como por exemplo o cerúmen excessivo, prurido, eritema, entre outros. Para

além do tratamento com antibioticoterapia, a limpeza também é fundamental para a melhora do quadro algico, sendo que a utilização incorreta dos medicamentos bem como a negligência por parte do tutor no tratamento pode acarretar consequências drásticas ao animal, chegando a necessitar de intervenções cirúrgicas para a resolução.

Fonte: As autoras (2021).

Pode-se perceber, que grande parte dos autores, evidenciam a importância da atuação do médico veterinário juntamente com o tutor do animal na presença de um possível diagnóstico de OE. Percebe-se que o trabalho coletivo possibilita a recuperação adequada do animal, a partir dos tratamentos corretos e ininterruptos, da solicitação de exames laboratoriais que possibilitem entender a causa da afecção e a motivação, com o intuito de atuar na raiz do problema, visando a não reincidência do animal nos quadros de OE (FONTOURA *et al*, 2014; CUSTÓDIO, 2019; AMORIM, 2020; TEIXEIRA *et al*, 2019).

Na perspectiva de Fontoura *et al* (2014), Silva (2020) e Machado *et al* (2014) o médico veterinário é um profissional que possui plenas capacidades para realizar um diagnóstico completo da OE e suas motivações, avaliando o animal tanto fisicamente quanto seus exames complementares, atrelando-os a um diagnóstico mais preciso, contemplando tratamentos que possibilitem sua recuperação e minimizando os impactos dessa doença na vida do animal. Sabe-se que, embora muito comum no cotidiano das clínicas, quando não tratada corretamente, a OE pode evoluir a quadros que necessitam de intervenções cirúrgicas, tudo isso devido ao fato de o tratamento não corresponder às reais necessidades do animal.

No que tange ao exame físico, o profissional deverá observar a anatomia da orelha do cão, posto que cada animal possui uma estrutura diferenciada, portanto a análise deste fator não é universal, sendo necessário que cada médico analise cuidadosamente a estrutura auricular do paciente, seus pontos predisponentes à ocorrência de OE, contribuindo para um diagnóstico válido e que considere as particularidades do animal em seu atendimento.

Além disso, o diálogo entre o médico veterinário e o tutor do animal é fundamental, a fim de compreender quais estão sendo as principais dificuldades no tratamento, os fatores que estão afetando e comprometendo a qualidade de vida do cão, bem como a ocorrência de situações que podem desencadear esta e outras afecções.

Demonstrou-se pelos estudos, que a escolha do medicamento a ser utilizado para o tratamento deve corresponder, primeiramente, à análise a partir de testes de sensibilidade e cultura, que devem ser solicitados pelo médico veterinário, anterior à recomendação de antimicrobianos, posto que, conforme evidenciado anteriormente, cada animal possui suas próprias particularidades, e isso implica em compreender que a ocorrência da OE, enquanto patologia que envolve múltiplos fatores, pode ser desencadeada por situações diversas e ter a presença de bactérias ou fungos com diferentes resistências.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do exposto, pode-se perceber que a OE é uma doença multifatorial, que acomete cães das mais variadas raças, sexo e idade, motivadas por situações diversas, cuja análise e diagnóstico por parte do profissional de veterinária é fundamental. A ligação entre o tutor e o médico veterinário para o melhor entendimento da causa da OE, bem como as possibilidades para o tratamento efetivo, com as menores possibilidades de reincidência na doença, se fazem necessários. A literatura especializada aponta que há a necessidade de atrelar exames físicos aos complementares, com o intuito de promover protocolos de tratamento mais efetivos.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, T. **Perfil de resistência de bactérias causadoras de otite externa em cães em Porto Alegre-RS**. 2011. Monografia. (Especialização em análises clínicas veterinárias), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CUSTÓDIO, C. S. **Otite externa em cães**: revisão de literatura. 2019. Monografia. (Curso de Graduação em Medicina Veterinária), Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos, 2019.

FONTOURA, E. G.; *et al* Otite Externa em Pequenos Animais: revisão de literatura. **Revista Científica de Medicina Veterinária - Pequenos Animais e Animais de Estimação**, Pelotas, v. 12, n. 41, p. 01-63, 2014.

LINZMEIER, G. L.; ENDO, R. M.; LOT, R. F. E. Otite Externa. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, São Paulo, v. 7, n. 12, p. 01-06, 2009.

LUSA, F. T.; AMARAL, R. V. Otite externa. **Publicações em Medicina Veterinária e Zootecnia (PUBVET)**, Londrina, v. 4, n. 24, p. 01-07, 2010.

MUELLER, E. N. **Avaliação e tratamento da otite externa canina**. 2009. Dissertação. (Mestrado em Veterinária) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

OLIVEIRA, L. C. **Otite média e externa bilateral em cães**: estudo comparativo do perfil microbiológico e susceptibilidade a antimicrobianos das espécies prevalentes. 2004, Dissertação. (Mestrado em Microbiologia Médica) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

SAMPAIO, M. S. **Ocorrência de otite externa em cães apresentados à consulta de rotina**. 2014. Dissertação. (Mestrado Integrado em Medicina Veterinária) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2014.

TEIXEIRA, M. G. F.; *et al* Diagnóstico citológico de otite externa em cães. **Brazilian Journal of Animal and Environmental Research**, São José dos Pinhais, v. 2, n. 5, p. 1693-1701, 2019.